

Apresentação

Adriana Amaral

A revista *Fronteiras – estudos midiáticos* chega à sua mais recente edição, vol. 18, n. 3, última de 2016, apresentando a multiplicidade de temáticas e abordagens que caracterizam a área de comunicação, cada vez em franco crescimento e diálogo de saberes. Consumo e estilos de vida, jornalismo, publicidade, cinema de ficção científica, televisão, educomunicação e novas mídias são os temas que perpassam os 11 artigos aqui publicados.

No artigo *Espaço para comentários de leitores em sites e perfis de jornais no Facebook: regulação, vigilância e sanções*, Viviane Borelli descreve o funcionamento dos espaços abertos para comentários de notícias publicadas por jornais brasileiros e portugueses em relação à regulação, princípios de participação e sanções, tema importante para a discussão do jornalismo em sites de redes sociais. Ainda sobre a relação jornalismo, participação e novas mídias, mas sob outra perspectiva, Vivian de Carvalho Belochio, propõe a reflexão sobre a utilização das mídias sociais móveis para o desenvolvimento de sistemas colaborativos na produção noticiosa em *Jornalismo colaborativo em novas plataformas: estratégias do Pro-Am em aplicativos de redes sociais*. A autora trata do investimento dos veículos noticiosos através da apropriação estratégica de aplicativos (apps) de redes sociais para a busca de informações coletadas em mobilidade pelos amadores.

As redes sociais e a questão da visibilidade e da espetacularização e circulação da morte são o tema de *A visibilidade da morte e a perversão no caso Cristiano Araújo* de Leticia Cantarella Matheus e Eliane Tadeu da Silva Belleza. As autoras refletem sobre o regime de visibilidade ao qual a morte e o corpo morto estão submetidos na contemporaneidade, tomando como caso de análise o vazamento e a circulação dos vídeos do atendimento de emergência e da preparação para sepultamento do corpo do cantor Cristiano Araújo, morto em 2015.

Já a equipe de pesquisadores da Universidade Federal de Sergipe, nos apresenta alguns dos resultados de pesquisa sobre as práticas de consumo cultural no Nordeste considerando a interveniência da convergência midiática na recepção dos conteúdos mostrando como local e nacional se articulam nessas instâncias. A análise do comportamento dos jovens de Sergipe aparece em *Consumo cultural em tempos de convergência: uma análise dos jovens sergipanos*. Além dos jovens, as crianças também aparecem associada ao consumo de tecnologias como o celular. É nesse viés que Caroline Roveda Pilger e Sarai Patricia Schimdt discutem e problematizam essas relações em *Publicidade, criança e tecnologia: a relação experiência humana e emoção em campanha publicitária da Claro*.

A abordagem de *Midiatização: da disciplina ao controle, um horizonte de reflexão* de Suelen Matozo Franco e André Luiz Maranhão de Souza Leão centra-se em uma discussão teórica e resgate da perspectiva sobre a midiatização propondo uma reflexão acerca do fenômeno da midiatização enquanto processo, situado na transição entre o modelo de sociedade disciplinar

e a sociedade de controle. Da sociedade de controle para ficção-científica, Alfredo Suppia discute a questão de um cinema de FC mais autoral e independente, trazendo à tona a discussão da categoria Lo-fi no contexto do audiovisual em *Cinema de ficção científica lo-fi: uma categoria sob escrutínio*.

A televisão é uma mídia importante na relação entre as diferentes identidades. Em *A configuração midiática do programa televisivo Aglomerado: as interações comunicativas e a convocação de lugares de fala*, de Lorena Rubia Pereira Caminhas, o programa televisivo Aglomerado configura um espaço que abriga tanto o debate sobre questões atinentes à vida na favela, quanto à visibilidade da cultura e da arte desenvolvidas no subúrbio, rompendo com a dicotomia morro versus asfalto. Já o debate sobre linguagens e videoaulas no YouTube é o ponto central discutido por Simone Cristina Mussio em *Do presencial ao digital: um diálogo com o gênero videoaula youtubiano de escrita científica*. A TV aberta e suas mudanças em termos de audiências estão refletidas no debate proposto por Daniel Gambaro e Valdeci Becker em *Queda de audiência e programação televisiva: uma análise das mudanças na grade da Rede Globo*. Nesse artigo, os autores discutem o contexto das mudanças de audiência nos últimos anos e tentam compreender as estratégias atuais para combater a evasão de público. Por fim, questionam a viabilidade, hoje, da manutenção de uma grade de programação rígida conforme feita pela Rede Globo. Por fim, o programa Bem Estar da TV Globo é o objeto de análise de *Peritos do estilo de vida: transformando atitudes do telespectador do Bem Estar* de Marialice Nogueira Emboava e Simone Maria Rocha. As autoras analisam como os especialistas em saúde do programa incentivam práticas de modelagem da conduta dos telespectadores a partir do conceito de governamentalidade, tendo como resultados a observação de que o programa solicita ao telespectador o cultivo voluntário de hábitos e comportamentos saudáveis, reforçando a máxima de governos neoliberais de que a saúde é responsabilidade de cada indivíduo.

Nos 11 artigos publicados nesta edição encontram-se discussões que ampliam os horizontes teórico e metodológicos das fronteiras midiáticas.